

CHARGE, *CARTUM* E QUADRINHOS: LINGUAGEM ALTERNATIVA
NO ENSINO DE GEOGRAFIA

EUNICE ISAIAS DA SILVA*

RESUMO

Este artigo é o início de uma reflexão sobre a linguagem da charge, *cartum* e da tira de quadrinhos, como uma forma alternativa de contribuição ao ensino de geografia. Propõe-se o uso destes, como recursos didáticos auxiliares na relação ensino-aprendizagem, colaborando para a análise de diversas categorias e escalas geográficas. Argumenta-se que a leitura desses textos e imagens, divulgados por vários meios de comunicação, incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico e a melhor compreensão de informações presentes no cotidiano. PALAVRAS-CHAVE: ensino de geografia, linguagem alternativa, recursos didáticos.

Cartoons and comic strips: alternative language in geography teaching

ABSTRACT

This paper is the beginning of a reflection on the language used in cartoons and comic strips as an alternative way to contribute to Geography teaching. Their use is proposed as auxiliary didactic tools in the teaching-learning relationship, contributing in the analysis of varied categories and geographic scales. It is argued that the reading of those texts and images, published by diverse means of communication, would stimulate the development of the critical thought and a better understanding of data in the current quotidian.

KEY WORDS: teaching of Geography, alternative language, didactic resources.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As revistas em quadrinhos costumam ser as primeiras leituras das crianças e continuam existindo na vida de alguns adultos. Observamos que tem aumentado o uso de tiras de quadrinhos, charge, *cartum* no ensino escolar, como também, em muitas provas de processo seletivo e que este tipo de abordagem participa da rotina de quase todas pessoas, pois é bastante

* Professora Assistente de Geografia no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG. E-mail: euniceisaias@gmail.com

divulgado pelos meios de comunicação e muitos consideram essa leitura como agradável e envolvente.

O *cartum*, a charge e os quadrinhos retratam muitas situações, que podem ser analisadas em várias escalas (local, regional, nacional ou mundial). Notamos que a maioria dos alunos gosta desse tipo de recurso didático, quando usado de forma complementar aos conteúdos estudados. Motiva a discussão e reflexão, tornando a aula mais receptiva e agradável. Contudo, os professores nem sempre têm acesso ou disponibilidade de tempo para enriquecer suas aulas com este material.

Sem muita preocupação com a distinção entre *cartum*, charge e quadrinhos, gostaríamos de salientar que alguns autores afirmam que “não é fácil estabelecer uma diferença definitiva entre essas formas de arte” (Moretti, 2006, p. 1). Enquanto, a charge utiliza a caricatura, o *cartum* raramente a contém, ele surgiu após a charge, e seus personagens são criações do autor. Moretti (2006, p. 2) diz ainda que, “a forma do *Cartum* é universal, atemporal e não-percível”, ao passo que a charge, ao contrário, geralmente é datada e localizada geograficamente. Normalmente, ambos fazem críticas sociais e políticas. Já os quadrinhos são mais versáteis, com uma perspectiva mais ampla, podem ser críticos, esotéricos, infantis, adultos e outros.

Os *quadrinhos* têm personagens e elenco fixos, narrativa seqüencial em quadros numa ordem de tempo onde um fato se desenrola através de legendas e balões com texto pertinente à imagem de cada quadrinho. A história pode se desenvolver numa tira, numa página ou em duas ou em várias páginas (revista ou álbum). É óbvio que para uma história ser em quadrinhos ela precisa ter no mínimo dois quadrinhos (ou cenas). A *tira* diária é uma exceção, pois, às vezes, a história pode ser muito bem contada em 1 (sic) só “quadrinho” (o espaço da própria tira), mas isso não a torna um *Cartum*, apesar da proximidade (Moretti, 2006, p.2, grifos do autor).

Independente da denominação que se queira dar a esta produção, comentaremos neste artigo sobre a contribuição que esta linguagem pode fornecer à geografia escolar.

A CHARGE, O *CARTUM*, AS TIRAS DE QUADRINHO E O ESTUDO DE GEOGRAFIA

Atualmente é indiscutível que a produção cultural seja um importante aliado do ensino escolar. Vários conteúdos da escola podem ser au-

xiliados com utilização de obras literárias, artes plásticas, canções, peças teatrais, imagens, gibis, dentre outros. Compreendemos, também, ser papel da escola estimular e socializar o conhecimento de várias formas de expressão cultural, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade.

Estes instrumentos auxiliares necessitam ser antecipadamente selecionados conforme os objetivos definidores das ações educativas, a fim de motivar o estudo e sua sistematização, através de atividades artísticas e lúdicas.

O mundo em que vivemos encontra-se sobrecarregado de comunicação e informação, bastante facilitada pela tecnologia e Kenski (2005, p. 132) destaca que “na verdade somos todos da geração alfabética – da aprendizagem por meio do texto escrito, da leitura do artigo. Somos anal-fabetos para a leitura das imagens, dos sons”. A realidade cotidiana mudou e precisamos estar atentos, pois a clientela da escola, também não é a mesma, as mudanças ocorrem com muita rapidez. Kenski (2005, p.133) continua argumentando que “para esses alunos, por exemplo, o professor não é mais a única, nem a principal, fonte do saber. [...] Estes alunos estão acostumados a aprender através dos sons, das cores; através das imagens fixas das fotografias, ou em movimento, nos filmes e programas televisivos”.

É impossível a escola ignorar esta carga de comunicações do dia a dia na vida das pessoas, tendo que aproveitar e se empenhar na função de questionar e buscar despertar o senso crítico dos estudantes para que tenham condições de avaliar e de se apropriar de um olhar seletivo, com uma visão mais real do mundo atual. Pois

As informações vêm de forma global e desconexa através dos múltiplos apelos da sociedade tecnológica. A escola precisa aproveitar essa riqueza de recursos externos, não para reproduzi-los em sala de aula, mas para polarizar essas informações, orientar as discussões, preencher as lacunas do que não foi apreendido, ensinar os alunos a estabelecer distâncias críticas com o que é veiculado pelos meios de comunicação (Kenski, 2005, p. 143).

Em consonância com estes argumentos, a professora Lana Cavalcanti comenta que a escola deve fazer uso de outras linguagens e de outras formas de expressão para procurar se aproximar mais da realidade dos educandos.

Desse modo, há que se destacar sua potencialidade para levar o aluno a perceber, por exemplo, a geografia no cotidiano, para fazer a ponte entre seu conhecimento cotidiano e o científico, para problematizar o conteúdo escolar e partir de outras linguagens e de outras formas de expressão (Cavalcanti, 2002, p. 83).

Encontramo-nos na era digital em que a *internet*, a charge (digital ou não), a TV e outros se legitimam como transmissores de informações fragmentadas e estas precisam ser aprofundados e relacionados ao que está ou se pretende estudar, pois trazem em seu contexto várias informações de geografia, mas muitas vezes, com análises superficiais e até mesmo imbuídas de determinadas ideologias. É neste sentido que Cavalcanti nos chama a atenção, dizendo que

A cultura produzida neste mundo de tecnologias é repleta de informações geográficas. Os filmes, os desenhos, as charges, as fotografias, os *slides*, os anúncios de publicidade, os CD-ROMs, as músicas, os poemas representam freqüentemente, e das formas mais variadas o mundo, os lugares dos mundos os fenômenos geográfico, as paisagens (Cavalcanti, 2002, p. 85).

Percebemos que o conhecimento cultural é fundamental no ensino de Geografia para se compreender as informações e comunicações do cotidiano e reaproveitá-las como conteúdo de estudo. E “se as culturas são plurais, a sua leitura também o é” (Almeida; Ratts, 2003, p. 7). A representação do espaço possui vários significados e análises e “a geografia cultural é mais uma abordagem, uma maneira de interpretar a realidade” (Almeida; Ratts, 2003, p. 9). Nesta perspectiva a análise geográfica é plural e diversificada e na visão destes mesmos autores “as sociedades criam códigos culturais, e as culturas dão a diversidade do mundo” (Almeida; Ratts, 2003, p. 7). Existem, portanto, inúmeras maneiras de pensar, representar e interpretar o espaço geográfico, inclusive, formas alternativas de leituras deste espaço.

O uso de linguagem não convencional no estudo de Geografia articula-se com novas propostas de ensino, pois “no bojo da renovação e dos novos caminhos trilhados, dialogar com as áreas do conhecimento, ler geografia com base em textos variados das diferentes ciências, da mídia, do imaginário popular, etc. é algo enfatizado com as mudanças dos anos 80 em especial” (Reichwald Jr, 2004, p. 69).

A busca da apreensão da complexidade do mundo, mediado por diferentes representações, para ser capaz de escrevê-lo sobre aspectos diversos já é uma realidade na Geografia contemporânea. Um olhar geográfico na literatura disponível pode se tornar um facilitador da aprendizagem. Entendemos que “conhecendo o espaço do nosso aluno como expressão de valores culturais e políticos, além dos econômicos, ajuda significativamente na construção de uma geografia mais envolvente/próxima” (Reichwald Jr, 2004, p. 70).

A análise geográfica nas escalas: local, regional, nacional e mundial, pode se realizar por intermédio de diversos agentes culturais e a “trama da realidade do mundo só aproxima da sala de aula quando variamos as fontes de informação. Assim o livro didático não pode ser a única orientação na sala de aula” (Reichwald Jr, 2004, p. 71). E mais adiante este autor salienta que a “mídia, jornal e televisão em especial, é instrumento que nos informa de maneira rápida sobre o mundo” (Reichwald Jr, 2004, p. 72).

O estudioso Paul Claval ressalta a importância da comunicação e transmissão de informações, ao relatar que

Os estudos da dimensão coletiva dos fatos culturais se renovou pelos progressos da lingüística e da teoria da comunicação. A cultura é feita de informações que circulam entre os indivíduos e lhes permitem agir. Códigos servem para organizá-la ou para trocá-los (Claval, 1997, p. 94).

E os meios de comunicação atuais facilitam a divulgação dos códigos culturais, com uma maior acessibilidade e rapidez na divulgação.

A difusão do conhecimento é facilitada com o domínio da escrita e da leitura, pois de acordo com Claval (1997, p. 112), “a escrita permite fazer chegar as mensagens muito longe, o que favorece a difusão dos conhecimentos formalizados pela ciência e dos textos que veiculam religiões ou ideologias”. Existem várias formas de escrever e se inscrever nos lugares do mundo e amplas são as formas de sua interpretação.

A leitura e a escrita podem ser permeadas pelo prazer (o riso), pela criatividade, pela criticidade e pela riqueza de análise, encontrados nas tiras de quadrinhos, charges e *cartuns*, cuja compreensão inclui imagem e texto (se houver). É a percepção do mundo pela observação do discurso, símbolos, sutileza das informações. Utilizar uma leitura agradável e ao mesmo tempo, instigadora, como instrumento auxiliar de ensino, para decodificar e interpretar o espaço vivido.

“E sem dúvida, os quadrinhos representam hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular” (Vergueiro, 2005, p. 7). Embora haja a concorrência de outros meios de comunicação, os quadrinhos continuam seduzindo um grande número de leitores fiéis. Esta atração é explicada por Cirne (2000, p. 19): “a arte que não sabe seduzir não leva à paixão, não leva à reflexão”.

Desde cedo as crianças fazem desenhos para comunicar alguma idéia, como já o fazia o homem nas cavernas. Mesma estratégia utilizada pelas histórias em quadrinhos, que com o uso de imagem gráfica comunica mensagens, muitas vezes, com ironias, irreverências e críticas. Segundo Cirne (2000), até os anos 60, a arte dos quadrinhos era considerada uma “arte menor”, ou pior ainda, condenada por grande parte da sociedade (principalmente pais e professores) que a via com maus olhos, considerando sua leitura perniciosa aos mais jovens. Atualmente, é bastante aceita e se reconhece que contém símbolos e significados que podem permitir uma reflexão questionadora. É um elemento cultural, que no entendimento deste pesquisador, pode apresentar a dimensão da poesia. Ele esclarece que “pensamos quadrinhos estética, política e culturalmente, acreditamos, inclusive, que poderemos pensá-los através de uma possível Poeticidade Libertária” (Cirne, 2000, p. 15-16).

Com a diversificação da linguagem e com o exercício da imaginação, podemos ilustrar conteúdos escolares específicos, de acordo com os objetivos educacionais que queiramos alcançar. E “os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema” (Vergueiro, 2005, p. 24). Sua escolha depende da análise do nível de conhecimento e capacidade de compreensão dos alunos, podendo ser usado para iniciar o tema, aprofundar algum conceito, concluir algum estudo, ou mesmo confrontar idéias, em séries escolares iniciais ou até mesmo em nível universitário.

É um recurso de fácil acessibilidade e de baixo custo. E “um outro aspecto importante na utilização de tais recursos é a sua proximidade com o cotidiano, pois estes são geralmente encontrados em jornais e revistas, tratando temas atuais, atemporais, divertindo e marcando épocas” (Silva, 2005, p. 1).

A análise dos códigos visuais e verbais dos quadrinhos e similares possibilita despertar o interesse pelo assunto, dinamiza as aulas e motiva o debate, porém não deve ser o único recurso didático, podendo integrar e

complementar outras atividades e auxiliar a interpretação do conteúdo do livro didático. Concordamos com Vergueiro (2005, p. 27), quando constata que “deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes”.

Assim, a interpretação das gravuras e do discurso facilita a compreensão e assimilação de informações. Muitas campanhas publicitárias utilizam quadrinhos para propagar idéias ou comunicar temas de utilidade pública. No entanto, nem sempre a linguagem é tão simples, podendo fazer uso de afirmações com duplo sentido ou de argumentos sutis para propagar ou ridicularizar algum acontecimento do cotidiano e que, às vezes, não é compreendido por todos.

Os quadrinhos, charges ou *cartuns* são tanto transmissores de informação, quanto agentes de lazer para grande número de pessoas que gosta deste tipo de leitura. Seu uso na escola permitirá aos alunos “ampliarem a capacidade de observação e de expressão, ao estimular a fantasia, ao despertar o prazer estético, senso de humor e a crítica, tornando o ato de ler uma atividade prazerosa e contribuindo para estabelecer o hábito saudável da leitura” (Silva, 2004, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tiras de quadrinhos, *cartuns* e charges deveriam ser mais utilizados para se ensinar geografia. Esta oportunidade de reunir criatividade e diversão, com uma significação mais próxima dos alunos, pode resultar em maior envolvimento e interesse pelo estudo de geografia. A leitura das imagens e texto dos quadrinhos e charge permite a reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico e pode ser considerada uma linguagem alternativa para a geografia escolar. Várias categorias geográficas, como natureza, lugar, sociedade, espaço, ambiente, paisagem, dentre outras, podem ser estudadas auxiliadas por quadrinhos, *cartuns* e charges, com a análise de conteúdo de geografia em diversas escalas (local/regional/nacional/mundial). E consideramos que, ao colaborar com a compreensão destas imagens e textos divulgados pelos meios de comunicação, significa, também, estimular o exercício da cidadania através do questionamento e do desenvolvimento do senso crítico. Esse propósito de desenvolver a reflexão, mediante uma

prática educativa comprometida com a realidade social, é fundamentada por Milton Santos ao dizer que

É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro. Por isso, longe da ambição, que, aliás, escapa à nossa competência de fornecer um formulário de técnicas de ensino ou um programa pedagógico acabado, preferimos, empreender uma tentativa de reconhecimento dos aspectos principais de nossa época, alinhando fatos e problemas que a caracterizam e que, por isso mesmo, devem fazer parte de um plano de estudos que leve em conta a modernidade, sua realidade concreta e sua existência sistêmica (Santos, 1997, p. 121)

Pensamos ser pertinente essa transcrição, a qual relaciona o período técnico-científico, estudos geográficos, cidadania e consciência da época em que vivemos, numa concepção de uma educação concreta, contextualizada e significativa para os estudantes. Uma relação ensino-aprendizagem baseada na vivência e experiência dos atores sociais envolvidos, mas que pretende alcançar outros horizontes mais abrangentes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G.; RATTI, A. J. P (Orgs.). *Geografia – leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.
- CAVALCANTI, L. de S. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CIRNE, M. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. de et al. (Orgs.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- KENSKI, V. M. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologia. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). *Didática: o ensino e suas relações*. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- MORETTI, F. *Qual a diferença entre charge, Cartum e quadrinhos?* Disponível em: <<http://.ccghumor.com.br>>. Acesso em: 18 set. 2006.

REICHWALD JR., G. Leitura e escrita na geografia ontem e hoje. In: NUNES, C. B. et al (Orgs.). *Ler e escrever – compromisso de todas as áreas*. 6. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

SANTOS, M. Técnica, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, D. de B. M. *A charge em sala de aula*. Disponível em: <<http://filologia.org.br>>. Acesso em: 8 out. 2005.

SILVA, J. R. F. *O espaço geográfico expresso nas histórias em quadrinhos: uma experiência com Chico Bento*. 2004. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Unesp, Presidente Prudente, SP, 2004.

VERGUEIRO, V. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, Â.; VERGUEIRO, V. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005.

Recebido em: 16 out. 2006

Aceito em: 16 fev. 2007